

### Psicanálise, instituições e outras “inutilezas”

Resenha do livro de Sonia Leite, *Ensaio sobre psicanálise e instituições*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2023.

Paulo Ritter\*

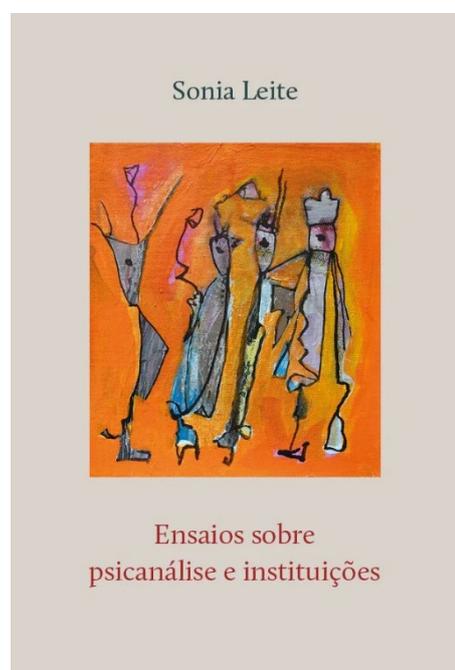
*“Carrego meus primórdios num andor.  
Minha voz tem um vício de fontes.  
Eu queria avançar para o começo.  
Chegar ao criancimento das palavras.”*

*(Manoel de Barros, Livro sobre nada)*

Nestes tempos de pasteurização da psicanálise, em que a teoria criada por Freud é disputada por conglomerados educacionais e pastores evangélicos, o lançamento do livro de Sonia Leite é uma prova de sua vitalidade – dupla prova, aliás: vitalidade da psicanálise e da própria autora. Afinal, o livro – “Ensaio sobre psicanálise e instituições” – é fruto de seu percurso psicanalítico pelo ensino e pela prática clínica ao longo dos últimos trinta anos. Não foi, portanto, escrito de orelhada nem sob a pressa do “tempo-velocidade” de que nos fala Paul Virilio (uma de suas referências) – essa aceleração do tempo na cultura atual que leva à supressão da singularidade e, por conseguinte, da expressão desejante.

Na verdade, seria mais correto dizer que as empresas privadas de educação e os movimentos neopentecostais disputam apenas o termo criado por Freud – o que não é pouco –, já que os campos ético, teórico e institucional da psicanálise encontram-se bem estabelecidos na realidade brasileira. Com efeito, o Brasil conta hoje com uma tradição psicanalítica importante, que foi capaz de produzir não só um saber consistente e atrelado à realidade nacional, mas também possibilitou a criação de inúmeras instituições psicanalíticas das mais variadas tendências teóricas. Como se não bastasse, temos ainda, em nosso país, a difusão da teoria psicanalítica nas universidades, o que originou uma produção acadêmica considerável no seu campo epistemológico propriamente dito, como também na sua articulação com demais saberes das ciências humanas.

Assim, se a educação e a religião embusteiras correm atrás da psicanálise não é para se inserir de forma produtiva nesse rico campo de trocas já existente em nossa tradição, mas para arregimentar alunos e fiéis incautos para suas fileiras. Com isso, fazem do saber psicanalítico apenas uma vitrine para mascarar seus engodos e justificar seus lucros exponenciais.



\* Psicanalista, Especialista em Saúde Mental (IPP/SMS) e Mestre em Teoria Psicanalítica (IP/UFRJ).

E-mail: [paulo.ritter@hotmail.com](mailto:paulo.ritter@hotmail.com)

Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0003-6729-6731>

Justamente nessa discussão se situa um dos pontos altos do livro de Sonia Leite, não à toa a última das três partes que o compõem chama-se “Da formação”. Se a formação do psicanalista não pode ser restrita apenas a um curso de graduação – ainda menos a um curso on-line! –, cabe perguntar quais seriam então as balizas desse processo. É isso precisamente que a autora busca mapear ao longo dos seis ensaios dessa parte. Ao afirmar repetidas vezes que o *percurso* que leva alguém a se tornar psicanalista é absolutamente *singular*, ela está salientando que o núcleo desse processo é, sobretudo, uma *experiência desejante*. E é nesse sentido que podemos compreender como a *análise pessoal* foi – e continua sendo – o eixo fundamental da formação psicanalítica, ao redor do qual giram suas demais faces: o estudo, a supervisão e a troca entre os pares.

Sonia Leite ainda nos lembra que a formação do analista, por ser um percurso singular, segue um tempo próprio – um “tempo lógico” –, que não está atrelado ao “tempo-velocidade” e é perpassado pela angústia de fio a pavio. Nas suas palavras, se “o recalque protege o sujeito do encontro com a angústia de castração, o trabalho psicanalítico, ao desfazer as defesas do sujeito, o conduz ao reencontro desse afeto, permitindo-lhe outro posicionamento em face do desejo e, conseqüentemente, da falta que lhe é inerente”. O caminho que leva à formação do psicanalista, apesar de já *delineado* pelo próprio campo psicanalítico, não está, portanto, isento de riscos. E, como salienta a autora, é perpassado pelo “silêncio”, pela “escuridão” e pela “solidão” – as três metáforas utilizadas por Freud, no fim do seu texto “O infamiliar” (1919), para descrever o encontro do sujeito com o sem sentido da angústia.

Atualmente, já vai longe o período em que a formação psicanalítica era restrita aos médicos e oferecida apenas nas “sociedades oficiais” – o nome é de arrepiar – ligadas à IPA, baseada em critérios técnicos e burocráticos e regida por relações hierárquicas. Se hoje a formação pode ser mais pluralista e não ditada estritamente por regras institucionais – dando ênfase ao caráter singular dessa experiência –, é importante que ela possa permanecer como uma questão sempre *em aberto*. Essa seria a única forma de manter o frescor da transmissão da experiência do inconsciente – essa sim a pedra de toque fundamental em toda e qualquer formação psicanalítica.

Dessa forma, tanto a pretensa garantia de um diploma de graduação como o olhar apaziguador de um deus benevolente servem de obstáculos à confrontação do sujeito com sua condição de *desamparo* – processo imprescindível no percurso de formação do psicanalista. Do mesmo modo, as *instituições* podem servir como recobrimento dessa condição ao tamponar a falta constitutiva das subjetividades. Ao chamar atenção para esse risco – e apontar saídas para o impasse –, Sonia Leite alça outro voo alto.

Com efeito, a primeira parte do livro chama-se “Da teoria” e é composta também por seis ensaios que versam sobre as instituições, mais precisamente sobre as relações entre os sujeitos e as instituições – essas formações coletivas “instaladas pelos homens onde quer que eles vão, e por toda parte”, como salientou Lacan nos anos 50.

No primeiro ensaio, apoiando-se nas contribuições de Foucault, a autora faz um breve percurso histórico sobre a origem das instituições na modernidade, salientando como os discursos e as práticas institucionais nesse período responderam a demandas de cunho social e visaram portanto ao ordenamento das relações sociais. Mas a ideia que ela busca destacar, já nesse primeiro ensaio – que servirá de substrato aos demais –, é a percepção freudiana de que “algo da estrutura subjetiva narcísica se adequa muito bem à estrutura (funcional) das instituições”, levando a “certa alienação bastante comum na vida social”. Assim, a célebre tese de Freud enunciada logo no início de “Psicologia das massas e análise do eu” (1921) – a psicologia individual é desde sempre psicologia social – é levada às últimas conseqüências.

Baseando-se, sobretudo, nos percursos teóricos de Freud e Lacan, Sonia Leite vai descascando aos poucos as várias faces das instituições, mostrando como elas desempenham tanto uma função fundamental de mediação simbólica entre os sujeitos – a pacificação de “polos opostos”, na definição de Coutinho Jorge no *prefácio* –, como servem também à alienação subjetiva e ao seu conseqüente apagamento das diferenças. Nesse movimento, as dimensões simbólica e imaginária das instituições são justamente destacadas pela autora.

Mas a dimensão real não é deixada de lado e outros autores são chamados para trabalhar ao redor desse ponto opaco presente em toda formação coletiva – sua *falha estrutural*. Tanto teóricos internos ao campo psicanalítico – Didier-Weill, Fuks, Mannoni, Birman etc. –, como aqueles de outras áreas – Heidegger, Bauman, Weber, Rouanet etc. –, compõem o rico mosaico construído por Sonia Leite para avançar no entendimento das complexas relações entre os sujeitos e as instituições.

Debate, aliás, que está na pauta do dia, quando governos de extrema direita embalados pela ideologia neoliberal pregam o fim das instituições como solução para os impasses do nosso tempo. Com o verniz de “liberais”, tais governos delegam aos sujeitos – somente aos sujeitos – à solução dos conflitos decorrentes de nossa organização econômica e social, acentuando justamente a ilusão de que a subjetividade e as instituições estão em campo separados. Não por coincidência, lembra-nos a autora, a violência tem-se multiplicado de forma avassaladora e os discursos religiosos desdobram ao infinito seus discursos de salvação.

Apesar dos efeitos nefastos produzidos muitas vezes pelas instituições, o que esses seis ensaios reafirmam com veemência é que não há saída fora das construções institucionais para a vida na coletividade. E acentuo aqui a dimensão de *construção*, pois é justamente a isso que Freud alude nos seus escritos sobre a cultura, principalmente em “O mal-estar na cultura” (1930). É o trabalho de elaboração contínua dessa tessitura que possibilita tanto a emergência do sujeito como a permanência e a transformação das instituições.

Por se tratar de uma construção, precisamente no ponto de junção entre o sujeito e o Outro, há situações em que esta é marcada pela fragilidade da estrutura que a sustenta. A segunda parte do livro é dedicada, assim, à abordagem psicanalítica da psicose, tanto do ponto de vista teórico como clínico. Aqui, o percurso de Sonia Leite em instituições de saúde mental mostra suas marcas forjadas no enfrentamento clínico da psicose – pois, fiel à recomendação de Lacan dos anos 70, ela não recuou diante da psicose.

Os seis ensaios reunidos nessa parte – chamada “Da práxis” –, como seus títulos revelam, abordam, sobretudo, as vicissitudes existenciais dos sujeitos psicóticos, produzidas em função de sua estruturação subjetiva. Mas não só, pois ao analisar as formas pelas quais tais sujeitos “inventam” – é o verbo utilizado num dos ensaios – ferramentas para lidar com a invasão do real, a autora tangencia também as estratégias neuróticas de enfrentamento do mesmo desafio. Afinal, como pontua, o ponto de origem do sujeito – tanto na neurose como na psicose – é o mesmo: “o trauma enquanto encontro faltoso com o Outro, com a falta real do objeto”. O que irá mudar é a resposta subjetiva a isso, pois se “na neurose, a fantasia faz suplência a esse impossível; na psicose, é o delírio que tenta responder ao traumático inassimilável.”

Utilizando a bela metáfora criada por Lacan nos anos 50 – o significante fálico primordial como uma espécie de avenida principal numa grande cidade –, Sonia Leite nos convida a pensar a psicose como um trabalho *permanente* de construção de vias secundárias substitutas. Na ausência da estrada central, que risca uma linha e permite que as demais assumam um sentido, cabe ao sujeito psicótico a invenção de uma “geografia

própria” que lhe permita “habitar” o mundo. E aqui novamente Heidegger é uma referência fundamental, com sua aproximação dos conceitos de *habitar* e *existir* – duas dimensões da vida cotidiana que adquirem especial importância na vivência psicótica.

Por fim, os ensaios dessa parte revelam a participação efetiva da autora no momento histórico de entrada da psicanálise na saúde pública brasileira. Se não recuou diante da psicose, ela também não temeu o desafio de levar a práxis psicanalítica à assistência pública de saúde. Com os novos dispositivos de Saúde Mental implementados pela Reforma Psiquiátrica brasileira – CAPS, Oficinas Terapêuticas, “ambulatórios” etc. –, a psicanálise viu-se às voltas com a tarefa de continuar operante fora de seu ambiente tradicional, delimitado pela ortodoxia da clínica privada e individual. A partir de sua vivência em ambulatórios de Saúde Mental, bem como de suas elaborações teóricas extraídas dessa prática, podemos dar um passo além e perguntar-nos – diante dos desafios atuais – qual seria o lugar do ambulatório na RAPS (Rede de Atenção Psicossocial) existente hoje no Brasil. Pergunta que se torna urgente se levarmos em consideração os elevados números relativos aos quadros de ansiedade e depressão em nosso país. Em termos psicanalíticos, os sujeitos atravessados pela angústia e alquebrados pelas depressões encontram que tipo de acolhimento e tratamento no âmbito do SUS? Certamente, num ensaio futuro, Sonia Leite poderia auxiliar-nos nessa questão.

É chegado o momento de encerrar essa breve resenha e deixar ao leitor a oportunidade de percorrer por conta própria os dezoito ensaios do livro. Ele pode optar pela estrada principal, aberta pela própria autora ao escolher os temas e a ordem dos ensaios, ou pode percorrê-los da maneira que preferir, como o “bugre” do poema de Manoel de Barros que “não anda em estradas” e “só pega por desvios”, onde estão os ariticuns maduros.

Como ela se pergunta na introdução, não sabemos se Lacan leu Carlos Drummond de Andrade – ou se pelo menos tomou conhecimento do poema “No meio do caminho”. Mas saímos, ao final da leitura de “Ensaio sobre psicanálise e instituições”, com a certeza de que a autora leu tanto o psicanalista francês como nosso poeta *gauche*. E também leu Freud e tantos outros autores que colocou para trabalhar a partir da insistente pergunta que marcou de maneira decisiva seu percurso: “Você vai insistir ou desistir de seu desejo pela psicanálise?”

Felizmente, Sonia Leite não desistiu e oferece-nos agora esses ensaios extraídos de trinta anos de prática clínica e de ensino. Como se isso não bastasse, o livro conta ainda com uma linda capa de Martha Barros – filha do poeta Manoel de Barros. É uma acrílica sobre tela chamada “Vício das fontes”, a nos lembrar que todos carregamos vida afora as marcas daquilo que nos constitui.

**Citação/Citation:** Ritter, P. (2024). *Psicanálise, instituições e outras “inutilidades”*. *Trivium: Estudos Interdisciplinares* (Ano XVI, no. 1.), pp. 125-128.

**Recebido em: 01/02/2024**

**Aprovado em: 03/04/2024**